

BAKHTIN E VIGOTSKI: BUSCANDO CONFLUÊNCIAS

Emílio Gabriel

emiliogabriel11@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4123167003797202>

Rogério Drago

rogerio.drago@gamil.com

<http://lattes.cnpq.br/8595961404664412>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral compreender confluências entre os pensamentos de Bakhtin e Vigotski, que possam contribuir para aprimorar o diálogo entre ambos no contexto da pesquisa em educação. Para tanto, utiliza-se de um estudo teórico-bibliográfico resgatando os principais conceitos de Bakhtin e Vigotski que, quando bem discutidos e compreendidos podem contribuir para que os profissionais da educação, e outros profissionais que lidam com seres humanos em processo de humanização, se apropriem dos fundamentos de Bakhtin e Vigotski para que suas práticas cotidianas levem em consideração um sujeito incompleto, entretanto, um sujeito que se completa cotidianamente pelo olhar e pela palavra do outro. Um sujeito que constrói história e cultura ao mesmo tempo em que se apropria da história e da cultura alheia.

Palavras-chave: Bakhtin; Vigotski; Teoria Sócio-Histórica.

Apresentar diálogos conceituais com Bakhtin, Vigotski e seus estudiosos é mergulhar no mundo da interação verbal, do atravessamento de significados e dos múltiplos discursos presentes na coletividade e produzidos na subjetividade de cada ser – nunca isoladamente.

Portanto, este artigo, tem como pressuposto compreender confluências entre os pensamentos de Bakhtin e Vigotski, que possam contribuir para aprimorar o diálogo entre ambos no contexto da pesquisa em educação.

Iniciaremos por elucidar alguns conceitos bakhtinianos em diálogo com Vigotski, sabendo que todos giram em torno da teoria dos gêneros discursivos e da proposição dialógica do ser. Inclusive, para Bakhtin, “ser é comunicar-se dialogicamente”, conforme conhecida frase. Ou seja, nunca estamos sozinhos em nosso discurso, pois todos os discursos são atravessados pelo outro, respondem a um outro discurso, sucedem falas anteriores, e isso é a essência do ser humano. Portanto, os gêneros discursivos teriam uma certa estabilidade dentro de um sistema comunicativo de uma dada sociedade/atividade humana, construída pelos vários componentes do

grupo. Seriam, então, enunciados que se solidificam, de certa maneira. Ademais, esses gêneros discursivos nos preenchem desde o nosso primeiro contato com a linguagem e, daí em diante, viveremos imersos neles como elementos de nosso meio, tomando ideia amplamente defendida por Vigotski.

Bakhtin chama de enunciado a forma como se usa a língua, como unidade real da comunicação discursiva. Ela vai além do próprio texto, em forma de enunciação. Vale destacar que, a depender do contexto social, época ou espaço que se utiliza do enunciado, ele pode ter diferentes significados. Neste sentido,

No processo de construção do enunciado é necessário considerarmos [...]: meio social, relação entre interlocutores, campo da atividade humana, finalidades comunicativas, conteúdo temático, entre outros (NASCIMENTO; SILVA; SILVA, s/a, p. 3).

Portanto, elemento central da comunicação por enunciados é conhecer o contexto em que ele está inserido, além de colocarmos em relevo a alternância do sujeito na enunciação, pois ela sempre responde ao discurso do outro. Poderíamos, inclusive, comparar a comunicação por enunciados com os elos de uma corrente, sempre ligados uns aos outros. Vale mencionar que esses elos são construídos no viver, no desenvolver-se enquanto indivíduo e que Vigotski classifica como uma reação adquirida, reforçando a ideia de historicidade-cultural da comunicação, uma vez que na evolução da linguagem “[...] as reações adquiridas são sumamente diversas dependendo das particularidades históricas, geográficas, sexuais, individuais e de classe” (VIGOTSKI, 2018, p. 20-21).

Os gêneros discursivos são construídos por meio de signos e símbolos, representações dialógicas externas ao ser e pelos quais damos sentido à comunicação. Logo, “não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados [...]” (BAKHTIN, 2014, p. 35). Isso acontece, pois o uso de signos, e sua simbologia, estão interligados à sociedade em que esses signos são utilizados. Diríamos que não só à sociedade, mas até a determinados estratos sociais dentro de um mesmo povo, que utiliza, teoricamente, a mesma língua. Nas narrativas, o conhecimento da simbologia que envolve os signos utilizados numa determinada dialogia é de suma importância, uma vez que dar sentido à fala subjetiva e torná-la produto da história requer conhecer seus significados, não só em palavras, mas em reações sensíveis, tais como pausas, suspiros, olhares perdidos, lágrimas, etc.

Outrossim, a comunicação linguística, entendida como uma das funções psíquicas superiores no homem, para Vigotski, é a maneira como organizamos internamente nossas experiências e com a qual refinamos o pensamento (2018), ideia está complementada por Bakhtin, para quem nos comunicamos por meio de uma língua que nos faz membros de uma mesma comunidade comunicativa. Ela é um fenômeno de interação verbal social, portanto, coletiva. Como ela é um fenômeno concreto de natureza histórico-cultural, é dinâmica, viva, e pode alterar-se conforme seu uso ou desuso. Quantas palavras foram sendo abandonadas pelos tempos? Quantas outras surgem, principalmente na era digital?

Além disso, a língua não deixa de ser um fenômeno de poder, portanto, quem exerce a hegemonia a quer monovalente. Indivíduos que não dominam a língua hegemônica são mais fáceis de controlar. Porém, Bakhtin nos alerta de que

A língua materna – [...] –, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam (BAKHTIN *apud* SALETE, s/a, s/p).

Ou seja, se conhecemos nossa língua pelo meio em que habitamos, coletivamente e atravessados pelos outros, há que se questionar como uma classe hegemônica pode fazer uso da língua com finalidade de exercer o poder? Ou seja,

[...] a forma linguística, [...], sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial* (BAKHTIN, 2014, p. 98-99).

Logo, um dos desafios do trabalho com os autores em tela é captar o conteúdo do discurso, conforme nos indica Bakhtin, uma vez que todo discurso tem *sentido ideológico*. E, para mergulharmos nessa reflexão, temos que recorrer a outro conceito bakhtiniano: o discurso. É impossível dissociar a ideia de dialogia, de enunciado, de signo e de língua da concepção de discurso, pois ele liga os falantes ao contexto em que estes utilizam a comunicação verbal. O discurso em Bakhtin sempre é determinado por quem fala e para quem se fala. Mas, longe de ser uma comunicação restrita, o discurso é múltiplo, pois nele estão várias vozes que atravessaram a reflexão do sujeito em resposta a um outro discurso, seja ele qual for, em qualquer época.

Neste ponto, é importante lembrarmos do conceito de meio em Vigotski. O meio é determinante para o desenvolvimento não só do ser enquanto biológico, mas enquanto ser social,

inclusive impactando fortemente em seu processo de formação intelectual. A linguagem, bem como outros fatores sociais, determina o ser subjetivo, mediado pelo ambiente em que este ser se encontra, pois é ela a forma de interação do sujeito com o que se encontra a sua volta. Daí a importância da comunicação para a construção de um indivíduo que conhece a realidade que o permeia. Vigotski considerava este princípio fundamental para a construção de uma sociedade que “[...] irá conduzir inevitavelmente a uma mudança na consciência, uma mudança totalizante do comportamento humano” (VIGOTSKI, s/a, p. 10). Este trecho do texto *A transformação socialista do homem* sintetiza o objetivo, valorizando ainda mais a importância do meio, pois, para Vigotski (2018, p. 63),

[...] aparece com plena evidência o fato de que esse novo sistema de reações é inteiramente determinado pela estrutura do meio onde cresce e se desenvolve o organismo. Por isso toda educação é de natureza social, queira-o ou não.

Sobre a ideia de texto, Machado (1996, p. 92) nos chama a atenção para o fato de que “para Bakhtin texto é todo sistema de signos cuja coerência e unidade se deve à capacidade de compreensão do homem na sua vida comunicativa e expressiva. O texto não é uma coisa sem voz; é, sobretudo, ato humano [...]”. Ou seja, o texto nunca é isolado, nem encerrado em si mesmo. Podemos, inclusive, usar o exemplo deste projeto de dissertação de mestrado, que é um texto inacabado e que, mesmo após a pesquisa e defesa da dissertação final, ainda estará incompleto, pois será fruto de reflexões que gerarão múltiplos discursos sobre a temática, ampliando seu texto, mesmo que de forma oral e/ou reflexiva em outrem.

Como pudemos ver, os conceitos apresentados até o momento se entrelaçam e, muitas vezes, aparecem na obra de Bakhtin em relação de interdependência. Isso se deve ao caráter dialógico sempre presente em Bakhtin (até mesmo em seus conceitos). Para ele – e partindo da ideia de dialogia – os enunciados estão sempre em contato, sejam anteriores, de outros sujeitos ou nossos. Isso se dá em processos que ele chama de dialogismo futuro, construído no movimento que evolve o enunciado que chega ao receptor ou mesmo na intertextualização, ou seja, na composição polifônica de um texto, onde estão presentes outras vozes, frutos de várias instâncias enunciantoras.

Percebemos, por isso, a importância da reconstrução escrita do que se rememora: é uma forma de construir, por meio de várias vozes, um texto carregado de significados que adquire características polifônicas no exercício dos sujeitos que se atravessaram em dado tempo/espço.

Sobre a característica polifônica dos enunciados, Fiorin nos explica, corroborando com o que foi exposto que

Todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro. É sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (2011, s/p).

Um texto, presente no interior de outro (s) texto (s), sempre inserido num determinado contexto. Aí está a característica polifônica da dialogia, completada pela abertura para o devir, para mais um enunciado, pois

[...] nos textos polifônicos, os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever; [...] nos textos polifônicos escutam-se várias vozes, nos monofônicos uma apenas, pois as demais são abafadas (BARROS apud ARAÚJO, 2020, p. 50).

Em Vigotski (2000), encontramos esta característica polifônica dos outros em nós quando o autor se refere ao nosso desenvolvimento cultural, permeado pelos outros que nos constituem e nos fazem acessar as funções psíquicas superiores por meio do que é externo e vai se internalizando, por meio de diversas vozes, pois ela é de cunho social, uma relação entre pessoas no plural, uma relação real, uma relação de cooperação, que se transforma em comunicação e se internaliza, construindo-nos e, no transcorrer da vida, reconstruindo-nos de acordo com os contatos das múltiplas vozes que nos atravessarão.

Na perspectiva bakhtiniana, todas essas relações dialógicas formam o sujeito ao mesmo tempo em que são construídas por ele. Isso se dá, pois, para Lima (2018, p. 59-60), “[...] não há como separar a linguagem do sujeito, da vida, do mundo e, mesmo, da ética”. Portanto, o sujeito é aquele que é atravessado pela linguagem, esta que o possibilita atravessar o mundo. É exatamente isso que o torna um ser vinculado ao fator social, uma vez que o contexto de vida não se apresenta a ele de maneira casual e, conforme nos fala Bakhtin, sobre a influência da palavra no todo do cotidiano em todas as esferas:

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios (BAKHTIN, 2014, p. 42).

O sujeito também não é fechado em si – e nem pode sê-lo, pois se ele é construído pelas relações dialógicas com os outros, tudo que nos chega é por meio das palavras dos outros. Bakhtin mesmo nos afirma isso, quando estabelece que

Nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento (BAKHTIN apud CAVALCANTE FILHO; TORGA, 2011, s/p).

Pelo exposto, podemos perceber que os enunciados, quando relativamente estáveis na sociedade, compõem os gêneros discursivos, que sempre têm uma finalidade (informar, deleitar, noticiar, ensinar, etc.), pois “todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e sua finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação” (CAVALCANTE FILHO; TORGA, 2011, s/p). Esta finalidade da linguagem nos acompanha desde o primeiro momento em que entramos em contato com ela.

Percebemos que um gênero discursivo sempre está atravessado nos sujeitos sociais, as pessoas, sejam elas o “perfil de um cidadão comum”, como na letra da música do grande Belchior, ou a socialite do Leblon. Estes sujeitos que se utilizam dos gêneros discursivos promovem diariamente várias atividades sociais, como o trabalho, o lazer, o ócio criativo, etc., em diferentes esferas sociais, englobando o todo da atividade humana em sua subjetividade.

Vigotski complementa esta ideia ao afirmar que é na interação humana que construímos nossa subjetividade, como nos explicam Ferrari e Perinni:

Para Vigotski, a constituição subjetiva do gênero humano apenas é possível no interior das relações sociais concretas e com base nos instrumentos sociais que estão disponíveis, ou seja, é pelo coletivo que o homem se torna mais individual e pode desenvolver uma atividade totalmente autônoma, pois a formação do indivíduo é um duplo processo de relacionamento com o gênero humano [...] (2020, p. 51).

Neste sentido comunicativo do sujeito em sociedade, Bakhtin divide as esferas comunicativas em primárias (do cotidiano) e secundárias (ideológicas). Salete nos afirma que

[...] as diferentes esferas da atividade humana, entendidas como domínios ideológicos (jurídico, religioso, educacional, jornalístico), dialogam entre si e produzem, em cada esfera, formas relativamente estáveis de enunciados, denominados gêneros discursivos (s/a, s/p).

Outro conceito bastante importante que entrelaça o pensamento de ambos é a ideia de alteridade. Segundo Araújo (2020), a alteridade se refere aos sujeitos que nos constituem, uma

vez que somos atravessados nas e pelas relações interpessoais pelo outro. Logo, nossa subjetividade é permeada pelos olhares e palavras dos outros, o que exclui a ideia de um ser humano internalizado, pois ele está nas relações do coletivo, ou mesmo na relação com outro sujeito.

A ideia de alteridade em Bakhtin se liga ao conceito de apercepção em Vigotski, uma vez que se refere à “[...] experiência que trazemos para a percepção exterior e [que] determinam o modo pelo qual o novo objeto será percebido por nós” (VIGOTSKI, 2018, p. 179). Desde que surgimos no mundo e entramos em contato com o meio em que habitamos, vamos sendo atravessados por experiências ligadas ao outro. Por exemplo, quando leio uma frase, quando aprecio um desenho, quando ouço uma música, quando pego um brinquedo na mais tenra idade, todas essas experiências (que tocam o físico e o psicológico) têm a participação do outro, daí a proximidade entre os conceitos de alteridade em Bakhtin e apercepção em Vigotski. O outro está presente, o outro está no meio.

Além disso, é interessante caracterizar outro elemento da alteridade, que é a sua não intenção, ou seja, ela não emana de uma relação consciente, onde o sujeito se faz pelo discurso do outro num processo dialético proposital, mas nas relações do cotidiano, em contato com o outro, ao qual, podemos não ter escolhido o contato. E, uma vez que vivemos em sociedade, contatos não intencionais, palavras que respondem a outras palavras na mera convivência, são perfeitamente comuns.

Em "estética da criação verbal", Bakhtin afirma que "é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições", o que nos faz refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões, dizeres. A Alteridade é fundamento da identidade. Relação é a palavra-chave na proposta de Bakhtin. Eu apenas existo a partir do outro (GEGE *apud* ARAÚJO, 2020, p. 48-49).

Com isso, o autor quer nos dizer que, ao construirmo-nos com base no outro, construímos também um conjunto ideário valorativo, subjetivo, mas que compõe o todo da sociedade. Por esse motivo, Bakhtin refere-se à memória em dois tempos: o passado e o futuro.

Para se compreender a memória de futuro em Bakhtin, é necessário compreender que, a própria memória, para ele, não é algo perdido no futuro, mas que retorna ao presente com conotações estéticas daqueles que narram um acontecimento. A memória de futuro também se mostra no presente, uma vez que está permeada de aspectos morais que, atravessadas à estética

do passado, criam uma narrativa do que foi com vistas ao que será (ou poderia ser). Neste momento, passado e futuro se encontram no presente.

A memória de futuro ainda será, mas cria uma enunciação que, proferida por um sujeito a outro sujeito, tem a intenção de representar algo na discussão, num emaranhado de significados que a entonação, as pausas, as ênfases, etc. querem lhe atribuir, de acordo com a finalidade do discurso. Portanto, a memória de futuro é de aspecto moral, pois visa uma narrativa que reestrutura o passado, dando-lhe os contornos desejados.

Sobre esta expressão moralizada da memória de futuro, Vigotski considera que “[...] toda vivência poética parece acumular energia para futuras ações, dá a essas ações um novo sentido e leva a ver o mundo com novos olhos” (2018, p. 343), portanto no presente, efetua-se uma lembrança passada de cunho estético, criando novos valores morais sobre o que poderia ter sido, sobre o que moralmente existe como ideia, mas não exatamente como se deu. Daí o sentimento que aflora desta análise interior sobre a ação exterior.

Geraldi (2007, p. 45), nos diz que

[...] no mundo ético, tempo dos acontecimentos, cada um tem a responsabilidade pela ação concreta definida não a partir do passado [...], mas a partir do futuro, cuja imagem construída no presente orienta as direções e os sentidos das ações. É do futuro que tiramos os valores com que qualificamos a ação do presente e com que estamos sempre revisitando e compreendendo o passado.

Ou seja, revisitamos o passado com os valores do futuro, dando-lhe novos contornos. Mas, esse processo também não é individual, uma vez que retornamos ao passado sob olhares dos outros, sob discursos em diferentes contextos, imersos numa ou noutra atividade humana.

Diante de tudo o que foi exposto neste artigo, ensejamos que os profissionais da educação, e outros profissionais que lidam com seres humanos em processo de humanização, se apropriem dos fundamentos de Bakhtin e Vigotski para que suas práticas cotidianas levem em consideração um sujeito incompleto, entretanto, um sujeito que se completa cotidianamente pelo olhar e pela palavra do outro. Um sujeito que constrói história e cultura ao mesmo tempo em que se apropria da história e da cultura alheia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes. Processos de subjetivação. In: BRAGA, Livia Vares da Silveira; DRAGO, Rogério (org.). **Vigotski teoria e prática**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020. p. 125-146.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CAVALCANTE FILHO, Urbano; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem)**. I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, Vitória-ES, 2011.

FERRARI, Marlinda Gomes; PERINNI, Sanandreaia Torezani. Adolescência e subjetividade. In: BRAGA, Livia Vares da Silveira; DRAGO, Rogério. (org.). **Vigotski teoria e prática**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020. p. 43-52.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

GERALDI, João Wanderley. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; KRAMER, Sonia; SOUZA, Solange Jobim e. **Ciências humanas e pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. 2.ed. Cortez: São Paulo, 2007. p. 39-56.

LIMA, Sandra Mara Moraes. Sujeito em Bakhtin: autoria e responsabilidade. **PERcursos Linguísticos**. V. 8, N. 19, 2018.

MACHADO, Irene A. O texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin. **Língua e Literatura**, n. 22, p. 89-105, 1996.

NASCIMENTO, Ilderlândio Assis de Andrade; SILVA, Ananias Agostinho da; SILVA, Débora Caruline Ppereira. **Nota sobre o estudo dos gêneros discursivos na teoria baktiniana**. Disponível em: editorarealize.com.br.

SALETE, Maria. **Gênero(s) resumo na perspectiva bakhtiniana**. Disponível em: effa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica**. Tradução: Paulo Bezerra. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A Transformação Socialista do Homem**. Tradução: Roberto Della Santa Barros. Disponível em: http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/01072013_a_transformacao_socialista_dos_homens.pdf
> Acesso em: 11 de jan de 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Manuscrito de 1929: psicologia concreta do homem. **Educação e Sociedade**, ano XXI, n. 71, jul./2000.

SOBRE OS AUTORES:

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Possui graduação em História pela Faculdade Castelo Branco (2009) e graduação em Filosofia pela Universidade Metropolitana de Santos (2012). Lecionou no curso superior de 2012 a 2017, na Faculdade Castelo Branco (FCB). Atualmente é professor efetivo de História e Filosofia - EEEFM Padre Antônio Volkers, em Marilândia-ES.

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (1994), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (1999), doutorado em Ciências Humanas - Educação pela PUC-Rio (2005) e Pós-Doutorado em Educação pelo PPGE-UFES (2013). Foi professor da Prefeitura Municipal de Vitória, atuando na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. É professor Associado do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, onde coordena o GEPEI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Inclusão, desenvolvendo estudos principalmente nas áreas de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva de sujeitos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento na educação básica, dialogando teoricamente com Vigotski e Bakhtin.